

ROTINAS VERBAIS NA AULA DA LÍNGUA PORTUGUESA. CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DO SISTEMA DE DELICADEZA

ISABEL ROBOREDO SEARA
MANUELA CHAMBEL LEITÃO
(Universidade Aberta)

O suporte teórico deste nosso estudo insere-se na tradição dos estudos etnográficos da comunicação (Cf. Gumperz e Hymes 1972, Gumperz 1989), ou seja, aceita o princípio segundo o qual o enunciado não deve ser separado do quadro social e cultural em que foi proferido e em que a competência linguística é o eixo da competência comunicativa.

Articular-se-ão, pois, as duas dimensões sociolinguística e pragmática. A concepção sociolinguística, subsidiária dos trabalhos sociológicos do interaccionismo social (Goffman) ou da etnometodologia (Sacks, Schegloff, J e Jefferson 1974 e 1978) e também da investigação da Escola de Genève (Roulet et al. 1985, Perrin 1997 e Auchlin 1990) e o estudo da contextualização (Gumperz 1989), da variação sociolinguística (Labov 1976, 1978), dos ritos de interacção (Goffman 1973, 1974, 1987) que primam relativamente ao estudo dos sistemas linguísticos propriamente ditos.

No quadro teórico introduzido por Brown e Levinson (1978, 1987), a noção de delicadeza articula-se com a concepção de "Face Threatening Acts". Esta noção de face foi introduzida por Goffman que a define do seguinte modo: "la valeur sociale positive qu'une personne revendique effectivement à travers la ligne d'action que d'autres supposent qu'elle a adopté au cours d'un contact particulier"(1974: 9).

Brown e Levinson (1978), inspirando-se nesta noção de face, distinguiram dois componentes: a face positiva e a face negativa:

Negative face: the want of every "competent adult member" that his actions be unimpeded by others.

Positive face: the want of every member that his wants desirable to at least some others (1978: 67).

Deste modo, a face positiva corresponde à imagem de si próprio. Por sua vez, a face negativa indicia uma zona em que o aparecimento do outro pode constituir uma ingerência, uma intromissão.

Adoptaremos, no presente estudo, a terminologia do Groupe de Recherche sur les Interactions Communicatives da Université Lumière de Lyon¹ que, na senda dos trabalhos de Goffman (1974) e das clarificações particularmente evidenciadas pelo modelo de Brown & Levinson (1978) consideram face, a face positiva e território, a face negativa. Explicitemos, então, a noção de território que semanticamente remete para diferentes universos centralizados num "eu":

- o território físico, corporal — O corpo é, por excelência, o nosso território mais sagrado. O contacto, a intimidade intimamente relacionados com um espaço privado opõem-se à distância e à postura de reserva, apanágio da esfera pública.

- o território dos bens materiais — Os nossos haveres, o que construímos e que consideramos nosso.

- o território espacial, que delimitamos em todas as circunstâncias do quotidiano: marcamos o nosso espaço pessoal e, com dificuldade, autorizamos a intrusão mesmo que momentânea (Lembremos, a título caricatural do nosso quotidiano, as dificuldades que sentimos para encarar com benevolência a invasão do nosso cantinho do sofá por filhos ou outrem, ou a nossa secretaria do gabinete ocupada inopinadamente por um colega desconhecido, ou, invocando alguma ausência de valores morais, a penosa condição de ceder o lugar (ainda que território efémero) onde momentaneamente nos instalamos (ex: assento do autocarro).

- o território temporal — Na esteira dos trabalhos sobre as metáforas do quotidiano², o tempo é uma entidade que constitui por si só uma metáfora ontológica. Podemos então falar de "ter todo o tempo disponível"; não gastar o meu tempo... ou não perder o tempo"...

Em suma, com afirma Traverso, o território designa "le territoire cognitif et affectif, c'est-à-dire, l'ensemble des pensées, des informations, des sentiments intimes de chaque individu, auquel les autres (à l'exception, dans une certaine mesure, des intimes justement) n'ont pas accès". (1996: 37).

Tal como a identidade se estrutura em função da posição social, em função do estatuto (social, profissional e mesmo sexual), o que prima na definição do território, na senda da corrente durkeimiana e dos trabalhos de Goffman (já referidos) é o facto de este poder ser ameaçado.

E estaremos, assim, em presença de actos ameaçadores da face - Face Threatening Acts = FTA .

"... It is intuitively the case that certain kinds of acts intrinsically threaten face, namely those acts that by their nature run contrary to the face wants of the addressee and/or of the speaker". (Brown e Levinson, 1978: 70).

Estas noções de face e de território articulam-se numa relação de dependência que, ao nível dos princípios fundamentais dos mecanismos das interacções, integram a base de qualquer relação social: o estabelecimento de contactos, o reconhecimento da face, a defesa do nosso território, preservando-o e correndo um mínimo de riscos, prefiguram necessidades humanas profundas.

Este modelo de Brown & Levinson que se alicerça na noção de face foi retomado por Kerbrat-Orecchioni (1992) que, perante a difícil conciliação da preservação do território e do respeito pela face do outro, propôs quatro tipos de delicadeza.³

O conceito de delicadeza linguística que adoptámos foi o definido por Lakoff (1989:102): "Politeness can be defined as a means of minimizing the risk of confrontation in discourse [...] politeness strategies are designed specifically for the facilitation of interaction", sendo a sua função a de "maintain the social equilibrium and the friendly relations which enable us to assume that our interlocutors are being cooperative in the first place". (Lecch, 1989: 83).

Recentemente, Kerbrat-Orecchioni, numa reflexão crítica sobre o sistema da delicadeza de Brown & Levinson, no quadro da pragmática linguística, afirmou que o considerava redutor, na medida em que veiculava uma concepção excessivamente negativa da delicadeza⁴, insistindo na visão positiva e harmoniosa que se apoia no anti-FTA que doravante passará a ser designado por FFA (Face Flattering Acts).

Nesta perspectiva, os actos de fala repartir-se-ão em duas categorias, com base nos efeitos que vão produzir nas faces dos interlocutores (a noção de "face" é a de Goffman 1974):

- ⇒ efeitos negativos para os FTAs (*Face Threatning Acts*): pedido, crítica, recusa.
- ⇒ efeitos positivos para os FFAs (*Face Flattering Acts*): cumprimento, saudação, agradecimento, aceitação.

No caso do presente estudo, trata-se de uma relação simétrica, na qual os interlocutores se situam como pares, ou seja, a definição das posições resulta de um consenso inicial, do reconhecimento de uma relação social pré-estabelecida, de um acordo tácito, de uma negociação implícita, em suma, trata-se de um

contrato comunicacional. As formas que privilegiámos foram, portanto, as formas de tratamento relacionadas com a disponibilidade e solidariedade entre sujeitos que se encontram no mesmo eixo horizontal.

O trabalho de campo que foi desenvolvido teve como objectivo o estudo das práticas comunicativas que acontecem na aula de língua portuguesa. A situação trivial que foi simulada (e que posteriormente vos será narrada com todo o rigor) permitiu analisar a competência comunicativa dos alunos numa situação de interacção verbal. Permitiu, outrossim, estudar comportamentos observáveis nas interacções quotidianas “rotinizadas”⁵. Estes comportamentos verbais decorrem numa interacção entre iguais, numa relação horizontal, intrinsecamente simétrica, dada a ausência de relações hierárquicas e de poder. Não mobilizámos neste estudo os elementos paraverbais, prosódicos, tais como a intensidade articulatória e o timbre vocálico nem elementos não verbais, como a condição postural, a orientação do olhar, a produção de fáticos e a distância proxémica, mas reconhecemos a importância que estes elementos semióticos representam sobretudo como indiciadores da relação afectiva entre os falantes.

Ao nível dos marcadores verbais, embora as formas de tratamento denunciem a relação simétrica, entre iguais, através do uso constante da forma pronominal da segunda pessoa do singular), a organização estrutural das interacções determina a inversão da posição igualitária inicial e produz uma disputa permanente pela posição +alta, pelo domínio. Isto está bem patente na constante utilização de actos de fala ameaçadores da face ou do território (ordem, crítica, censura, refutação, insulto), como se pode depreender nos expressivos exemplos:

“Tenho mais que fazer, compra um, se quiseses. Empresta tu!” (Ref^o. 16)

“Não. Tivesses trazido!” (Ref^o. 14)

“Não, não empresto a pessoas como tu!” (Ref^o. 44)

“Ó betinha, vai bijucar, nunca trazes nada, pá!” (Ref^o. 11)

São estes os comportamentos linguísticos adoptados pelos alunos na interacção. A expressão linguística da delicadeza, indispensável à comunicação entre os seres, fundamental para o bom desenvolvimento das relações humanas e consequentemente ao funcionamento da sociedade, foi o objecto deste estudo.

Nesta comunicação, propomo-nos apresentar o trabalho que desenvolvemos no âmbito do Curso de Mestrado em Linguística Aplicada, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova, que constituiu, posteriormente, a nossa dissertação, apresentada em Julho de 1998.

Estudámos os comportamentos verbais, procurando detectar a relação entre a linguagem e o quotidiano social, com especial enfoque nas **formas de delicadeza**.

Os modelos teóricos, que presidiram ao nosso estudo e que acabaram de ser expostos, anteriormente, permitiram-nos o estudo de manifestações linguísticas de delicadeza.

A recolha dos materiais que deram origem ao *corpus* definitivo foi realizada, durante o ano lectivo de 1993/94, na Escola do Ensino Básico 2, 3 Joaquim de Barros, situada em Paço de Arcos, em 3 turmas do sétimo ano, num total de 75 alunos.

Passamos a descrever a forma como desenvolvemos este trabalho:

Numa **primeira fase** foi construído um quadro de banda desenhada, para a recolha do *corpus*.

Atente-se na situação. Quatro alunos, à volta de uma mesa, fazem um trabalho de grupo. *“Um aluno não tem lápis e pede-o emprestado. Um dos colegas recusa. Um outro diz-lhe que pode usar o dele”*.

Os alunos, das três turmas que já referi, foram convidados a preencher os balões, de acordo com a orientação dada.

Obtivemos, assim, um *corpus* próximo da expressão oral. Os observáveis linguísticos, resultaram, portanto, duma situação simulada mas muito semelhante à realidade vivida pelos alunos, naquele mesmo espaço, no seu dia a dia.

Estes actos de fala produzidos, na situação de pedido, com recusa ou aceitação, tendo em conta o modelo de comunicação escolhido, resultaram, assim, de intervenções marcadas por fenómenos individuais, operações e processos afectivos e cognitivos, tanto quanto comportamentos padronizados marcados por rotinas.

Seguimos, então, Maria Helena Mateus e Pottier, para, numa caracterização de superfície, proceder à análise sintáctica, visando funções e esquemas funcionais.

Utilizámos a cor para distinguir as várias funções sintácticas dos enunciados analisados.

Assim, como podemos observar no quadro nº.1, marcámos os **predicadores** com uma barra amarela. Os **sujeitos** com verde. Os **objectos indirectos** vermelho escuro. Os **objectos directos** azul, os **obliquos** a letra vermelha. Os restantes constituintes, no **vocativo** a letra é verde, nos vários **conectores** é turquesa, nas **exclamações** é azul escuro, na **dupla negativa** é cinzento, na **interrogativa** é preto. As **orações condicionais** são em vermelho escuro.

Quadro nº. 1

ALUNO	REF. ^a	FIGURA	SITUAÇÃO "A" - UM ALUNO NÃO TEM LÁPIS E PEDE-O EMPRESTADO.
01 A	01	I	Empresta- [] um lápis
02 A	02	II	Silvia tens um lápis que [] emprestes?
03 A	03	II	[] tem um lápis que [] emprestes*
05 A	05	I	Podias emprestar o teu lápis
06 A	06	I	Pedro tens um lápis a mais que [] possas emprestar
07 A	07	I	Empresta- [] um lápis por favor
08 A	08	I	Empresta- [] um lápis se faz favor
09 A	09	I	Teresa, empresta [] o teu lápis.
10 A	10	I	Irina empresta- [] o teu lápis
11 A	11	II	Empresta- [] aí um lápis
12 A	12	II	Empresta- [] um lápis
13 A	13	II	Ho! Empresta- [] um lápis
14 A	14	II	Empresta [] o teu lápis.
15 A	15	I	Emprestas- [] um lápis?
16 A	16	I	Inês, emprestas- [] o lápis se faz favor?
17 A	17	I	Pedro tens um lápis a mais que [] emprestes
18 A	18	II	Emprestas- [] o teu lápis?
19 A	19	II	[] tem um lápis que [] empreste
20 A	20	IV	Inês empresta- [] um lápis por favor?
01 B	21	IV	Alexandre!!! Oi... Emprestas- [] um lápis?!
02 B	22	II	[] tem um lápis que [] empreste por favor
03 B	23	I	[] empresta um lápis?
04 B	24	I	[] não tenho um lápis. Emprestas- []

Chegámos assim à determinação de todos os predicadores, utilizados em cada um dos actos de fala e organizámos quadros descritivos do número das respectivas ocorrências, como podemos verificar no quadro nº. 2.

ROTINAS VERBAIS NA AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Quadro nº. 2 - PEDIDO ACEITE: "EMPRESTAR LÁPIS"

PREDICADORES	IND PRES	IND PRES +INF	IND PRET PERF	IND PRET IMP	CONJ FUT	IMP	IMP + INF	
TOMAR	0	0	0	0	0	11	0	11
EMPRESTAR	5	0	0	0	0	0	0	5
TRAZER	0	0	1	0	0	0	0	1
PODER UTILIZAR	0	2	0	0	0	0	0	2
PODER USAR	0	3	0	0	0	0	0	3
IR EMPRESTAR	0	1	0	0	0	0	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	13	0	13
+ EMPRESTAR	13	0	0	0	0	0	0	13
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ DAR	0	0	0	0	0	1	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	3	0	3
+ USAR	0	0	0	0	0	3	0	3
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ TRAZER	0	0	1	0	0	0	0	1
TER	3	0	0	0	0	0	0	3
+TOMAR	0	0	0	0	0	3	0	3
EMPRESTAR	1	0	0	0	0	0	0	1
+ TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
EMPRESTAR	2	0	0	0	0	0	0	2
+ DEIXAR	0	0	0	0	0	2	0	2
ESPERAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ EMPRESTAR	1	0	0	0	0	0	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ NÃO IMPORTAR	1	0	0	0	0	0	0	1
NÃO LIGAR	0	0	0	0	0	2	0	2
+ TOMAR	0	0	0	0	0	2	0	2
NÃO LIGAR	0	0	0	0	0	2	0	2
+EMPRESTAR	2	0	0	0	0	0	0	2
TOMAR	0	0	0	0	0	5	0	5
+ PODER USAR	0	5	0	0	0	0	0	5
DEIXAR VER	0	0	0	0	0	0	1	1
+ TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+NÃO ESTAR A PRECISAR	0	1	0	0	0	0	0	1
TER	1	0	0	0	0	0	0	1
+PODER EMPRESTAR	0	1	0	0	0	0	0	1
QUERER	0	0	0	0	1	0	0	1
+ PODER USAR	0	1	0	0	0	0	0	1

PEDIDO ACEITE: "EMPRESTAR LÁPIS"
(continuação)

PREDICADORES	IND PRES	IND PRES + INF	IND PRET PERF	IND PRET IMP	CONJ FLT	IMP	IMP + INF	
QUERER	0	0	0	0	2	0	0	2
+ PODER UTILIZAR	0	2	0	0	0	0	0	2
TER	1	0	0	0	0	0	0	1
+ PODER USAR	0	1	0	0	0	0	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ EMPRESTAR	1	0	0	0	0	0	0	1
+ TER	1	0	0	0	0	0	0	1
TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ SER	0	0	0	1	0	0	0	1
+ TER	0	0	0	1	0	0	0	1
DEIXAR	0	0	0	0	0	2	0	2
+ EMPRESTAR	2	0	0	0	0	0	0	2
+ TER CUIDADO	0	0	0	0	0	2	0	2
TER	1	0	0	0	0	0	0	1
+ QUERER	0	0	0	0	1	0	0	1
+ PODER EMPRESTAR	0	1	0	0	0	0	0	1
TER	2	0	0	0	0	0	0	2
+ QUERER	2	0	0	0	0	0	0	2
+ PODER FICAR	0	2	0	0	0	0	0	2
TER	1	0	0	0	0	0	0	1
+ TOMAR	0	0	0	0	0	1	0	1
+ TER DE IR AFIAR	0	1	0	0	0	0	0	1
TOTAIS	40	21	2	2	4	61	1	131

Da mesma forma, os argumentos externos, internos, obliquos e outros constituintes de todos os enunciados, foram analisados e determinado o número de ocorrências, como se prova através do seguinte quadro, relativo aos actos de fala do "pedido aceite":

Quadro nº. 3

ARGUMENTOS							
EXTERNOS		INTERNOS				OBLÍQUOS	
SUJEITOS	nºOc	OB. INDIRECTO	nºOc	OBJEC. DIRECTO	nºOc	loc	
E	42	te	22	o meu	30	tu	9
E	3	me	3	um (lépis)	7	tu mas	1
E	85	a ela	2	um lépis	8	no fim das aulas	5
E	1	lhe	1	um dos meus (lépis)	2	aqui	1
				o meu lépis	5	com ele	3
				o (lépis)	1	agora	2
				o Único (lépis)	1		1
				2 lépis	2		
				dois (lépis)	1		
				este (lépis)	1		
				lo (lépis)	1		
				que (lépis)	2		
				criado	1		
TOTAIS	131		28		62		22

Outros constituintes dos enunciados analisados:

Vocativo - 19 (nomes)

Conectores - 4 - *se* ; 3 - *mas* ; 1 - *que* .

Exclamações: *Ai minha querida* (2 ocorrências);

**Não egoísta como o André* (2 ocorrências)

Está bem, Patrícia (2 ocorrências);

Está bem (1 ocorrência);

Nunca vi ninguém tão egoísta (1 ocorrência);

É melhor do que o dela (2 ocorrências);

Está aqui (2 ocorrências);

Claro (1 ocorrência)

Este tipo de análise deu-nos conta das várias modalidades lexicalizadas utilizadas pelos locutores na construção das variantes, entre as muitas possíveis, *em pedido de empréstimo com recusa ou aceitação*.

Na fase seguinte e seguindo a teoria variacionista, pretendemos dar conta das funções comunicativas da variação linguística, tendo presente a investigação

de sociolinguistas como D. Hymes ou Gumperz. Pretendemos acentuar a importância de integrar o discurso num contexto social e numa situação vivida por determinados actores, visto que tínhamos conduzido a investigação para o campo real e prático da utilização da linguagem por **falantes identificados**.

As estruturas dialógicas conversacionais, que fixámos, serviram-nos para verificar que a linguagem não opera como um sistema abstracto de funcionamento mecanicista, mas como resultado dum comportamento social, cujas variáveis linguísticas, no discurso entre iguais, tentámos interpretar.

Observando os enunciados, dum ponto de vista cognitivo, tentámos desmontar e compreender o processo enunciativo, anterior à sua formulação.

Partindo dos tópicos que condicionam a situação simulada, isolámos os observáveis linguísticos, apesar de não ser possível analisá-los em toda a sua variedade.

A forma como efectuámos a classificação dos actos de fala, gerados pelo "processo de activação" que teve início nos três tópicos propostos: **pedir algo, negação do empréstimo e empréstimo**, vai retomar a análise de superfície já efectuada.

Assim, para descrever, do ponto de vista semântico, fenómenos e processos enunciativos, houve que inferir usos homogêneos, pelo que, a própria variabilidade, não pôde ser tida em conta, em todos os aspectos da criação comunicativa dos respectivos enunciadores, dada a dispersão atomística a que nos conduziria.

Estruturaram-se então três grandes categorias: **O pedido de empréstimo** com seis tipos de realizações, **o pedido negado**, vinte cinco, **o pedido aceite** com vinte e nove variantes.

Pudemos pois constatar que, pela ordem referida, a variedade de enunciados vem em crescendo, ou por influência da dinâmica dialógica ou porque o sentido de algumas réplicas estimula mais a criatividade linguística. Apresentamos como exemplo o quadro nº.4, através do qual podemos observar a forma como procedemos, neste caso, à classificação de algumas das **respostas negativas ao pedido de empréstimo**.

Quadro nº. 4 - RESPOSTA NEGATIVA AO PEDIDO DE EMPRÉSTIMO

NEGAÇÃO DO EMPRÉSTIMO	PREDICADORES	NÍVEIS DE DELICADEZA
1) Negação do empréstimo Frases simples (18 ocorrências)	Não (emprestar) (3 oc) Não Emprestar (Ind Pres) (13 oc) Não Ir Emprestar (Ind Pres+Inf) (2 oc)	[del]
2) Negação do empréstimo/ Com neg. por impossibilidade (5 ocorrências)	Não (emprestar) (Ind Pres) + só (Ter) (Ind Pres) (1 oc) Não (empres) (Ind Pres)+ Emprestar (Ind Pret Perf) (2 oc) Não (empres) (Ind Pres)+Não Trazer (Ind Pret Perf) (2 oc)	[+del]
3) Negação do empréstimo/ Com constatação de posse (4 ocorrências)	Ter (Ind Pres) + Não Emprestar (Ind Pres) (+ oc)	[-del]
4) Negação do empréstimo/ Com advertência (5 ocorrências)	Não (empr) (Ind Pres) + Trazer (Conj Pret m q Perf) (2 oc) Não emprest (Ind Pres)+Trazer (Conj Pret m q Perf) (2 oc) Não (empr) (Ind Pres) + Trazer (Ind Pres) (1 oc)	[-del]
5) Negação do empréstimo/ com conselho (2 ocorrências)	Não Emprestar (Ind Pres) + Pedir (Imp) (2 oc)	[del]
6) Negação do empréstimo com modal (1 ocorrência)	Não Poder Emprestar (Ind Pres + Inf) (1 oc)	[del]
7) Neg do emp com modal/ pedido de desculpa (ant. à negação do empréstimo) (1 ocorrência)	Desculpar (Imp) + Não Poder (emprestar) (Ind Pres+(Inf)) (1 oc)	[+del]
8) Neg do emp com modal/ justificação por exclusão (ant à neg de empréstimo) (1 ocorrência)	Ter (Ind Pres) + Não Poder Emprestar (Ind Pres+Inf) (1 oc)	[del]
9) Neg do emp com modal/ justificação por exclusão (post à neg do empréstimo) (3 ocorrências)	Não Poder (emprestar) (Ind Pres + (Inf)) + Só Ter (Ind Pres) (2oc) Não Poder Emprestar (Ind Pres + Inf) + Só Ter (Ind Pres) (1 oc)	[del]
9º) Idem + conselho (2 ocorrências)	Não Poder (emprestar) (Ind Pres+(Inf)) + Pedir (Imp) (2oc)	[del]
10) Neg do emp com modal /justificação por necessidade (1 ocorrência)	Não Poder (emprestar) (Ind Pres+(Inf)) + Estar a Utilizar (Ind Pres + Inf) (1 oc)	[del]
11) Neg do emp com modal /justificação por não pertença (1 ocorrência)	Não Poder Emprestar (Ind Pres + Inf) + Não ser meus (Ind Pres) (1oc)	[del]
12) Negação do empréstimo por não posse (10 ocorrências)	Não Ter (Ind Pres) (10 oc)	[del]

Como nas restantes estruturas analisadas, tentámos interpretar formas específicas de conceptualização, a partir da selecção dos predicadores utilizados pelos respectivos enunciadores.

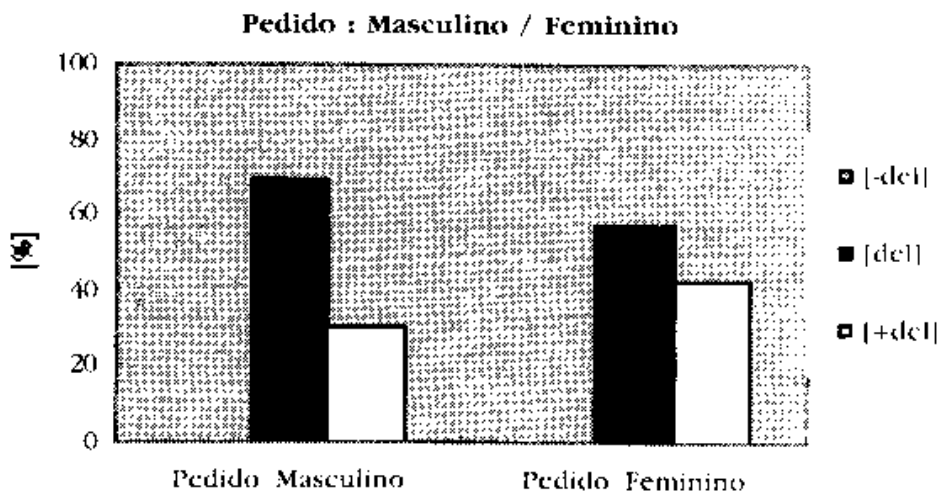
Simultaneamente fomos procedendo à avaliação das diversas variantes em termos dos três níveis de delicadeza preestabelecidos: [-del], [del] e [+del].

Os diversos **predicadores** são um polo lexical importante. Num discurso entre iguais, portanto não marcado por graus de deferência significativos, foi possível determinar níveis concretos de interlocução que permitiram estabelecer uma gradação da delicadeza, baseada em atitudes e comportamentos próprios deste tipo de relação entre falantes não adultos.

Como já referimos, considerámos três graus de delicadeza, tentando sempre valorizar a solidariedade, disponibilidade e camaradagem, porque próprias duma relação saudável entre iguais.

Pretendendo compreender o que as formas lexicais significam para quem as usa, introduzimos na base de dados, já utilizada para definir o contexto situacional, o tipo de micro-diálogo, relativo a cada sujeito enunciador.

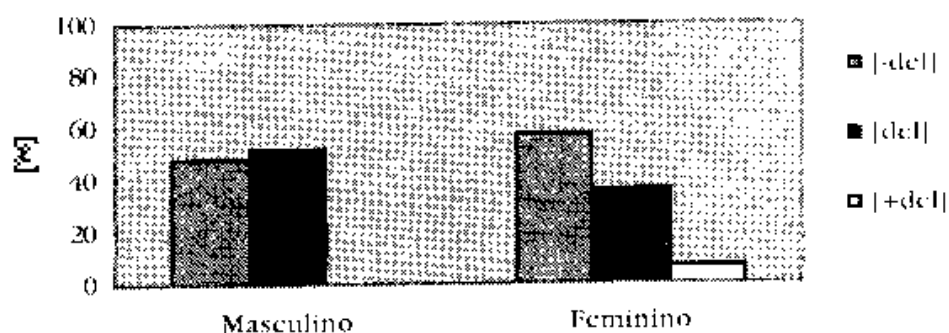
Em função desse encontro de informação, pudemos chegar a resultados mensuráveis, de que damos conta através dos seguintes gráficos:



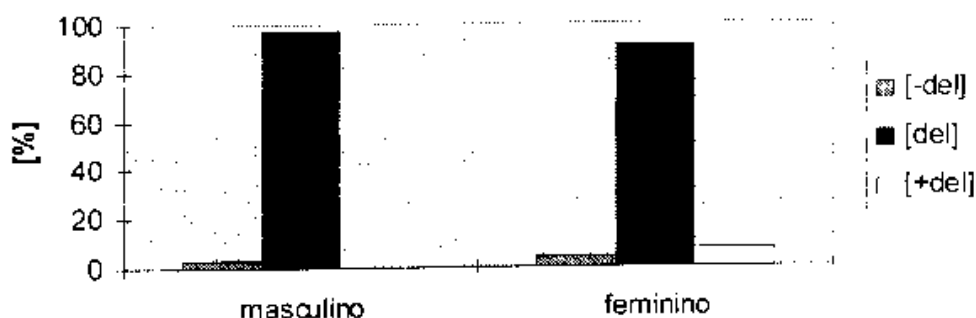
Os níveis de delicadeza, que estabelecemos, para cada uma das variantes utilizadas, dão-nos conta de usos que colocam o **sexo feminino** um pouco acima do masculino, em termos de **mais delicadeza**, no *pedido de empréstimo*.

Essa diferença é menor na *recusa do empréstimo* e na *aceitação*:

Pedido / Masculino, Feminino

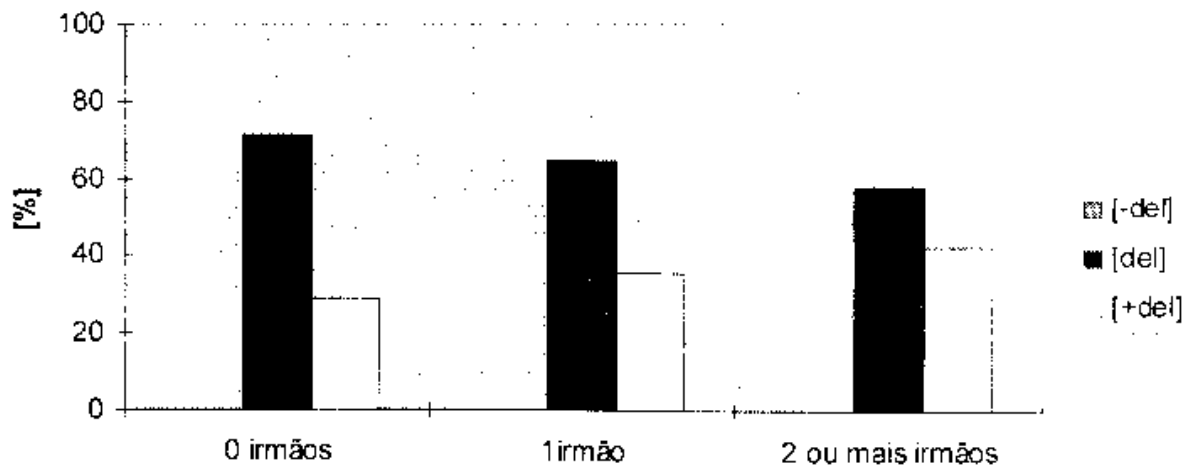


ACEITAÇÃO / Masculino Feminino

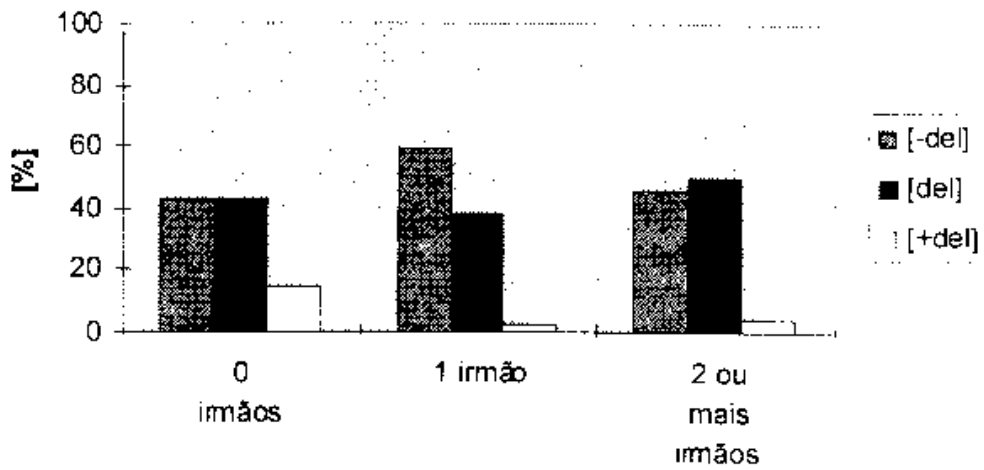


Quando tivemos em conta o **número de irmãos**, verificámos que são aqueles que não os têm que, comparativamente, executam o *pedido*, **com um pouco menos de delicadeza**, mas, para o *empréstimo negado e aceite*, usam **fórmulas de maior delicadeza que os seus colegas**. Como podemos verificar pelos respectivos gráficos:

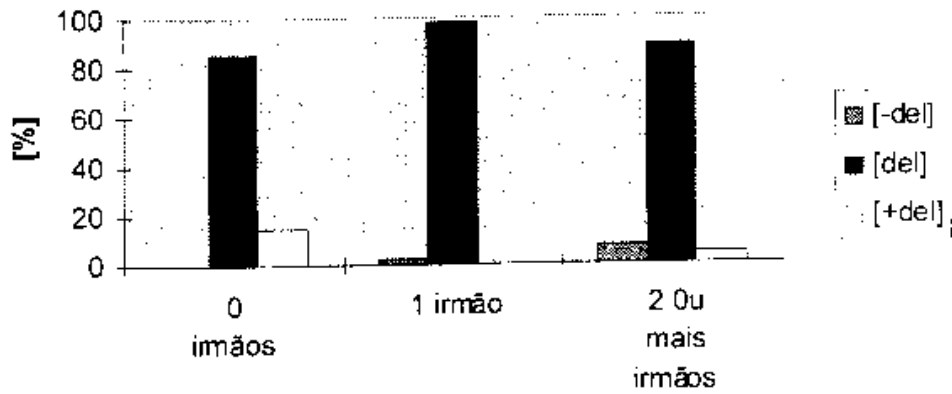
Pedido / no. de irmãos



RECUSA / no. de irmãos

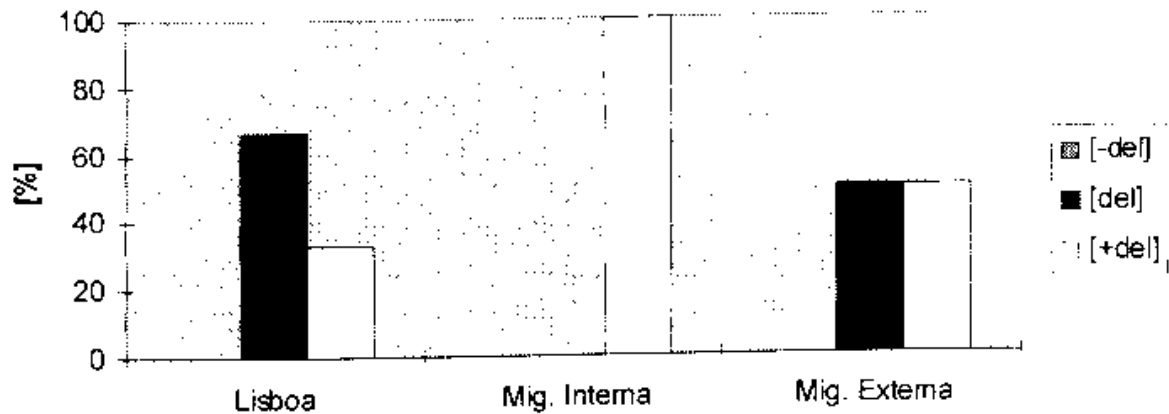


ACEITAÇÃO/ No de irmãos

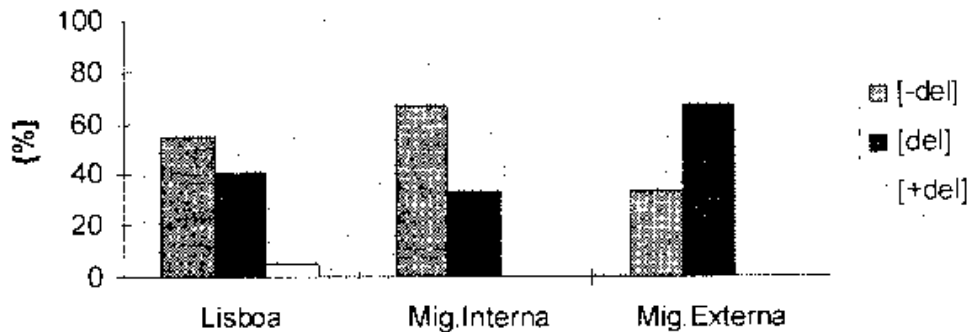


O local de nascimento, só na *negação do empréstimo* apresenta uma tendência menos nítida, mas, nos restantes micro-diálogos, são, sem dúvida, **os originários de outros distritos e de outros países** que, por oposição à maioria, **nascida em Lisboa**, usam de **maior delicadeza**. Disso nos dão conta os gráficos que apresentamos:

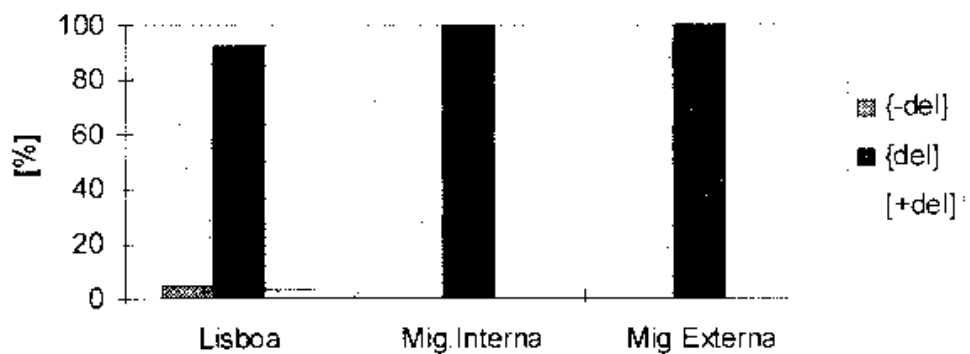
Pedido/ Dist. de nascimento



RECUSA / Dist. nascimento



ACEITAÇÃO / Dist. de nascimento



Esta tendência já vinha a ser notada desde o início do trabalho, pois, embora não tenhamos considerado as rotinas para esta avaliação, notámos que as expressões: "*se faz favor*" e "*por favor*", eram especialmente utilizadas por esse grupo de alunos.

De acordo com as considerações que acabamos de fazer, podemos adiantar as hipóteses, certamente necessitadas de validação, de que para além dum sucesso escolar nitidamente superior ao dos seus colegas o grupo de raparigas, que fazia parte das três turmas visadas, eram as principais criadoras da **variação linguística** que tentámos despistar. Também em relação ao uso das **formas de delicadeza**, embora tenhamos consciência de que o universo dos alunos, nascidos fora do Distrito de Lisboa, não é muito significativo, pensamos que seria interessante confirmar a tendência que sobressai deste trabalho.

Numa época em que se considera, nas escolas, e não só, que os alunos vindos de outras paragens criam dificuldades comportamentais e disciplinares, no meio dos seus colegas, somos tentados a colocar a questão: "*Quem é mais delicado com quem?*".

Foram estes os resultados do nosso estudo, mas, no desenrolar deste trabalho, fomos sempre pensando na melhor forma de o aplicar às aulas de Português.

Tal como, na *Pragmática Linguística e Ensino do Português*, afirmam, Fernanda Irene e Joaquim da Fonseca, *a aula de Português é antes de tudo e sempre aula de língua*". Importa, portanto, desenvolver e estruturar plenamente a competência comunicativa do aluno. E o objectivo tem de ser levá-lo a usar, cada vez melhor a sua língua, não só num aperfeiçoamento do tipo estrutural, de correcção e aquisição de estruturas novas, mas também e sobretudo na realização e adequação do acto verbal à situação de comunicação.

Dentro deste espírito, pensámos sempre que só poderíamos encontrar sentido, nesta tentativa de abordagem teórica, se fosse possível retirar dela ensinamentos práticos utilizáveis nas aulas de Língua Materna.

Foi esse o nosso último desafio.

Na aplicação didáctica que concretizámos, os alunos intervenientes tiveram oportunidade, **numa primeira fase**, de construir actos de fala, semelhantes aos que usam em situações próximas daquela que foi simulada.

Tendo em conta a sua experiência de falantes do português, foram solicitados para reflectir sobre usos comuns do discurso entre iguais, concretamente, nos acontecimentos de fala: *Pedido, Recusa ou Aceitação*.

Numa segunda fase, os mesmos alunos avaliaram, em termos de níveis de delicadeza, vários micro diálogos que fazem parte do *corpus* da nossa investigação, o que também aconteceu em relação aos que eles próprios construíram.

A possibilidade de descoberta das potencialidades da linguagem, da sua própria, da dos colegas e outras, de acordo com simulações de contextos situacionais, dentro e fora da sala de aula, leva a uma eventual capacidade de reflexão sobre a língua e, sem dúvida, a uma manipulação mais consciente dos efeitos duma linguagem cuidada e oportuna.

O ensino da Língua Materna tem de representar para o aluno uma oportunidade de crescer, de se emancipar, de aprender a pensar por si próprio, na sua actuação como emissor, mas também como receptor, no sentido de se defender dos "manipuladores da palavra" e dos vendedores de liberdades fabricadas.

Cada aluno tem de ser entendido e ajudado na medida das suas capacidades e das suas aspirações profundas. Dar condições para que todos desenvolvam uma competência comunicativa adequada à sua formação e às suas

necessidades é obrigação que cabe a todos os intervenientes no processo educativo, mas, especialmente, ao professor de Português.

Pensamos continuar a desenvolver, dentro e fora da sala de aula, esforços para compreender o que as formas lexicais significam para quem as usa.

Na acção didáctica, tentaremos, actuando directamente, reconhecer as dificuldades reais dos alunos, transferindo para eles próprios a consciência das virtualidades da linguagem, como ferramenta indispensável para uma comunicação eficaz.

Crucial, neste trabalho, foi o esforço que empreendemos para conciliar dois mundos: o da investigação teórica omnipresente no nosso quotidiano, mundo este que - e aqui todos nós assistimos passivamente - se vai divorciando do mundo prático, da escola, da execução, da verdadeira prática lectiva.

Maigrado uma aparente desconexão entre estes dois universos, tentámos mostrar a utilidade prática da investigação que desenvolvemos no gabinete.

Creemos que este trabalho poderá ser revelador do que ambicionamos para colmatar definitivamente este hiato que criámos (e que tende a agigantar-se) entre níveis de ensino.

Foi esta a nossa postura: de interligação, de comunhão. Comunhão de um saber meditado, formulado e depois filtrado, aplicado num trabalho pedagógico árduo.

Assim, poderemos falar de delicadeza. Delicadeza que deve surgir como premissa da interacção. Premissa, no seu sentido etimológico (do latim, *primitiae*), lexema que designa o início, o começo e que, em tempos remotos, anunciava " os primeiros frutos da terra, os primeiros animais nascidos do rebanho e oferecidos às divindades".

Que seja esta a premissa de uma nova visão da investigação linguística no nosso país!

Notas

1 Para além dos trabalhos sobejamente divulgados de Kerbrat-Orecchioni (1986, 1990, 1992, 1994, 1999) cumpre-nos assinalar aqui a tese de doutoramento de Véronique Traverso, também da escola de Lyon, *La Conversation Familiale: Analyse pragmatique des interactions* e a recente comunicação (não publicada) da mesma linguista ao *Pragma 99*, Congresso Internacional de Pragmática que se realizou em Tel Aviv, 13-16 de Junho de 1999. A comunicação intitula-se: "Forms of negotiation in talk among friends).

2 Cf. Lakoff, G. & Johnson, M. (1980), *Metaphors we live by*. Chicago: University Chicago Press. Refira-se também o recente trabalho publicado sob a organização de Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, da Universidade Federal de Minas Gerais, intitulado *Metáforas do Cotidiano* (1998). Belo Horizonte: UFMG

3 Cf. Síntese do sistema de delicadeza proposto por Kerbrat-Orecchioni (1992: 183-191) e 1996: 41- 66) e as manifestações linguísticas da delicadeza no português nos

trabalhos de Araújo Carreira, de que destacamos "A delicadeza em português: para o estudo das suas manifestações linguísticas". (1995: 207-217).

4 Kerbrat-Orecchioni, C., na comunicação "Est-il bon, est-il méchant: Quelle représentation de l'homme-en-société dans les théories contemporaines de la politesse linguistique?", a publicar em *Cahiers de Linguistique de Louvain - Actes du Colloque International à Louvain-la-Neuve*. Université Catholique de Louvain. Institut de Linguistique et Département de d'Études Romanes de la Faculté de Philosophie et de Lettres, novembre 1998, afirmou " La réflexion partira du modèle élaboré par Brown & Levinson dans le cadre de la pragmatique linguistique - modèle assurément productif, mais que l'on peut estimer un peu trop réducteur, et reposant sur une conception excessivement négative de la politesse".

5 Cf. Segalen, Martine (1998), *Rites et Rituels Contemporains*. Paris: Nathan.

Bibliografia

- ADAM, J.-M. (1996), "L'Argumentation dans le Dialogue". *Langue Française* 112.
- ANDRE-LARROX-HEBOUVY, D. (1984), *La Conversation quotidienne*. Paris: Didier-Erudis.
- ARAÚJO CARREIRA, M.H. (1995), " A delicadeza em português: para o estudo das suas manifestações linguísticas" in *Sociolinguística*. Lisboa: Universidade Aberta.
- AUCHLIN, A. (1990), "Analyse du discours et bonheur conversationnel". *Cahiers de Linguistique Française* 11
- BLOOMFIELD, L. (1970), *Le Langage*. Paris: Payot.
- BROWN, P. & LEVINSON, S.C. (1978), "Universals in language usage: Politeness phenomena", in Goody, E.N. (ed.), *Questions and Politeness*. Cambridge: Cambridge University Press. 56-289.
- BROWN, P. & LEVINSON, S.C. (1987), *Politeness. Some Universals in Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- BROWN, R. & GILMAN, A. (1972), "The Pronouns of Power and Solidarity" in Pier Paolo Giglioli(ed.), *Language and Social Context*. England: Penguin Books.
- BROWN, R. & GILMAN, A. (1989), "Politeness theory and Shakespeare's four major tragedies". *Language in Society* 18.
- CONTEIN, B. (1986), "Conversation et interaction sociale: analyse de sequences d'offre et d'invitation", *Langages* 81.
- COUPLAND, N. GRAINGER, K. COUPLAND, J. (1998), *Language in Society* 17, Vol 2.
- DANNEQUIN, C. (1982), "Prise du pouvoir et pouvoir de la parole au cours d'une discussion chez les enfants de cinq-six ans", *Études de Linguistique Appliquée* 46.
- EMHOVICH, C. (1981), "The intimacy of address: friendship markers in children's social play", *Language in Society* 10.

- FERGUSON, C.A. (1976). "The structure and use of politeness formulas". *Language in Society* 5, Vol.1.
- FONSECA, F. c J. (1990), *Pragmática Linguística e ensino do Português*. Coimbra: Livraria Almedina.
- FORNEL, M. de (1986). "Socio-pragmatique des pronoms personnels et inférence conversationnelle". *Études de Linguistique Appliquée* 63.
- FORNEL, M. de (1990), "Sémantique du Prototype et analyse de conversation". *Cahiers de Linguistique Française* 11. Genève: Université de Genève.
- FORNEL, M. de (1991), "Gestes, processus de contextualisation verbale". *Cahiers de Linguistique Française* 12.
- GOFFMAN, E. (1973), *La Mise en Scène de la Vie Quotidienne*. Paris: Minuit.
- (1974). *Les Rites d'Interaction*. Paris: Minuit.
- (1987), *Façons de Parler*. Paris: Minuit.
- GUMPERZ, J. (1989), *Engager la conversation. Introduction à la sociolinguistique interactionnelle*. Paris: Minuit.
- GUMPERZ, J. & HYMES, D. (1972), *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart&Winston.
- HERBERT, R.K. (1986). "Say "thank you" or something". *American Speech* 61/1.
- HYMES, D. (1972). "Models of the interaction of language and social life". In J.J. Gumperz e D.H.Hymes(eds.) *Directions in Sociolinguistics: The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart and Winston..
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (1986), *L'Implicite*. Paris: Armand Colin.
- (1990), *Les Interactions Verbales*, T. 1. Paris: Armand Colin
- (1992), *Les Interactions Verbales*, T.2. Paris: Armand Colin.
- (1994), *Les Interactions Verbales* T.3. Paris: Armand Colin.
- (1996), *La Conversation*. Paris: seuil (Collection Mémo)
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. (ed.) (1991), *La Question*. Lyon: Presses Universitaires de Lyon.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1980), *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press.
- LAKOFF, R. (1989). "The limits of politeness: therapeutic and courtroom discourse". *Multilingua* 8 -2/3
- LEECH, G. N.(1983), *Principles of Pragmatics*. London and New York: Longman.
- LEHMANN, D. (1986). "Linguistique et Didactique: pièces à conviction". *Études de Linguistique Appliquée* 63.

- MANNONI, P. (1998), *Les Représentations Sociales*. Paris: PUF
- MATSUMOTO, Y. (1988), "Reexamination of the universality of face: Politeness phenomena in Japanese", *Journal of Pragmatics* 12/4.
- MIRA MATEUS, M.H. , BRITO, A.M., DUARTE, I. , HUB FARIA, I. (1989), *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes (org.) (1998), *Metáforas do Cotidiano*. Belo Horizonte: Departamento de Letras Anglo-Germânicas da Universidade Federal de Minas Gerais.
- PERRIN, L. (1997), "Force réflexive conventionnelle des énoncés, délocutivité et discours rapporté", *Cahiers de Linguistique Française* 19.
- POTTIER, B. (1987), *Théorie et Analyse en Linguistique*. Paris: Hachette.
- POTTIER, B.. (1992), *Sémantique Générale*. Paris:PUF.
- REBELO, D. (1990), *Estudo Psicolinguístico da Aprendizagem da leitura e da escrita*. Textos de Educação. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- ROULET, E. (1991), "Échange, intervention et actes de langage dans la structure de la conversation", *Études de Linguistique Appliquée* 44.
- (1985), "De la conversation comme négociation", *Le Français Aujourd'hui* 7
- (1987), *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E.A., JEFFERSON, G. (1974). "A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation", *Language* 50/4.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E.A., JEFFERSON, G. (1977), "The preference for self correction in the organization of repair in conversation". *Language* 53.
- SACKS, H., SCHEGLOFF, E.A., JEFFERSON, G. (1978), "A simplest systematics for the organization of turn-taking in conversation", in Schenkein, J. (ed.), *Studies in the Organization of Conversational Interaction*. New York: Academic Press.
- SCHEGLOFF, E. (1972). "Sequencing in conversational openings", in Gumperz, J.& Hymes, D. (ed.s), *Directions in Sociolinguistics. The Ethnography of Communication*. New York: Holt, Rinehart&Winston.
- SEGALEN, M. (1998), *Rites et Rituels Contemporains*. Paris: Nathan.
- SMITH-HEFNER, N.J. (1988). "Women and politeness: The Javanese example". *Language in Society* 17.
- Watts, R.J. (1989), "Relevance and Relation Work: Linguistic Politeness as Politic Behavior". *Multilingua* 8 - 2/3